



## O caminho híbrido de Andrea Azzi

A arte abstrata é uma invenção figurativa.

Existe um corpo que dança, existe um corpo que ama. Existem corpos que se perseguem. Existem corpos que perseguem. Existem corpos que escapam. São livres. Se uma massa abstrata de cores fala da liberdade, outra massa pictórica pode falar da opressão. Sem cores.

Há uma arte que segue e outra que inventa, uma arte que não inventa. Outra que não segue. Ela simplesmente caminha. Desloca-se pela condição de vida ou exprime a vida de artistas que vivem o deslocamento consciente. Entre mundos a paisagem se reinventa. Color Field. A linguagem é uma pele. Existem corpos que se extinguem. Corpos que renascem ao se deslocar do seu contexto originário.

Andrea Azzi nasceu em Minas Gerais (Caratinga), em 1964. Nos seus primeiros anos de vida o Brasil expandia as artes visuais com a força legada pelo Concretismo e mostras como “Opinião 65”, “A Nova Objetividade Brasileira, o neoconcretismo, arte concreta e a nova figuração”. Hélio Oiticica produz a instalação “Tropicália”, Cildo Meireles e Nelson Leirner criavam novos impactos com a expansão objetual da pintura e a instalação, Lygia Clark cria a Obra-mole (1964) e “O Eu e o Tu” (1967) e “A Casa é o Corpo”: Labirinto (1968). Num dos períodos de maior efervescência da arte brasileira, Andrea Azzi se desloca e vive o deslocamento como noção de vida, cresce no ambiente das revoluções e da contracultura do início da Ditadura Militar que foi de 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985. Entre 1981 e 1993 ela se desloca entre Belo Horizonte, EUA, Europa, Israel e depois de 1994 se estabelece na Suíça.

Focalizando a pintura, entre 1989 e 1991, Andrea Azzi estuda na Hochschule für Gestaltung Kunst und Konservierung, Berne Fachklasse Kunst, onde tem contato com Ueli Berger e Dieter Siebt. De Dieter, uma das maiores lições sobre o mestre sobre a observando: “a capacidade de conservar em si mesma como adulta a capacidade que as crianças não perdem”.

Efetivamente ela ainda pinta na Loeb Lagerhaus, em Berna, entre 2010 e 2014.

No Brasil, sua geração possui muitos expoentes na pintura, entre eles, o Grupo Casa 7, criado em 1982, em São Paulo, da qual sua arte mais se assemelha de um ponto de vista da forma e das formulações de uma pintura abstrata. Entre 1991 e 1992 expõe na Dampfzentrale e após voltar de Israel, mesmo longe do Brasil, Andrea mantém os vínculos com a pintura brasileira e a arte de vanguarda que fundamentou o início da sua produção no ateliê da Serra, em Belo Horizonte, onde divide o espaço com Lucas Bambozzi. Na mesma época observa Rivane Neuenschwander e Cao Guimarães que se tornaram pioneiros na arte contemporânea brasileira dentro da instalação e da videoarte.

Depois de quase três décadas em Berna, volta ao Brasil somente em 2017, quando retoma efetivamente a sua pintura. Em 2023, a artista expõe na galeria AM - galeria fundada em 1989 por Angela Martins, em Belo Horizonte, representando grandes escultores brasileiros como Franz Weissmann, Amilcar de Castro, Ascânio MMM, Sérgio Camargo. Na mostra intitulada “A Linguagem é uma pele”, estão visíveis as relações da arte brasileira com a arte suíça uma vez que todo o conceito de deslocamento presente na paisagem de Andrea Azzi reitera a tradição de diálogo entre os dois países numa linha sucessória da vanguarda brasileira, representada pela tradição da cidade de Belo Horizonte, seguindo o caminho de Lygia Clark e diálogos sucessivos entre Max Bill e Mary Vieira, artista paulistana que estudou na primeira turma da Universidade Federal de Minas Gerais, tornando-se célebre herdeira de Alberto da veiga Guignard, como mais tarde, o célebre escultor e desenhista, Amilcar de Castro.

Neste sentido o ambiente que não fora propício à Andrea Azzi na Ditadura Militar, por outro lado, lhe legou a tradição moderna da arte brasileira, circundada pela MPB, Bossa Nova, Tropicalismo, Clube da Esquina e Novos Baianos, e como ela mesma define o período da Ditadura, enquanto cursava Economia, em Belo Horizonte: “1984 foi a primeira vez que fomos ler “O Capital” na Universidade cursando Economia”. Hoje isso define o meu lugar de fala: sou brasileira, imigrante, filha de imigrantes. Eu sou branca mas sou negra, porque também tenho uma mãe negra. Esse é meu lugar”.

Engajada socialmente é na pintura que Andrea Azzi liberta a pintura da noção de um único ambiente como formação, transcendendo a noção da paisagem entre dois mundos: Berna e Belo Horizonte. Novamente a liberdade da artista faz com que ela se permita entranhar afetivamente o seu país de origem ao seu país de escolha, mantendo a qualidade restaurativa Color Field para a paisagem enquanto metalinguagem dos afetos. O *feeling space* passa a ser uma característica nova na pintura, adequando a atmosfera dos anos 90 e reiterando a pintura como linguagem espaço-afetiva, além das digressões de arte conceitual, body art e street art. Aqui, Andrea Azzi conflui as lições de pintura apreendidas em Berna e Belo Horizonte. Curiosamente, desta vez, Andrea Azzi encontra a obra de Lygia Clark de modo indireto quando assimila as lições de Burle Marx, observando sua obra no Rio de Janeiro. Lygia Clark nasceu em Belo Horizonte em 1920. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1947, e inicia aprendizado artístico com Burle Marx.

A pintura de Andrea Azzi torna-se um híbrido entre Belo Horizonte e Berna onde os elementos da linha rígida a lápis duro de Guignard a até a linha decidida, expandida e ruidosa de Amilcar de Castro, conflui em planos cuja expressão de campo na pintura

conversam com os tecidos na obra de Lygia Clark e a expressão mole dos tecidos na obra de Nelson Leirner e Leda Catunda, inserindo uma identidade absolutamente própria que não fica no embate político da arte brasileira. Pelo contrário, ela transcende a fronteira entre essa vanguarda brasileira e a Color Field de Barnett Newman e Motherwell, sendo ao mesmo tempo criadora de um percurso que mantém a identidade feminina da sua criação, de modo atávico e transcendente como é o caso das obras

A pintura de Andrea Azzi não é a massa visível de um lado ou de outro dos confrontos da sociedade contemporânea. Sua arte existe a partir das frestas remanescentes entre os conflitos estabelecidos. É pelo vazio, por onde a vida renasce, pela percepção do espaço ao redor e do vazio que ela estrutura suas massas de cor que tornam-se linhas sem fazer distinção entre os elementos da composição, como se variasse um caminho entre paisagens de campos abertos e passagens estreitas, pausas para ouvir e perceber a realidade múltipla das relações humanas além da confrontação binária das guerras do cotidiano que reflete um lado ou outro da nossa existência. A arte de Andrea Azzi reflete a revelação do espaço invisível, do espaço-entre as coisas definidas e não aquilo que está definido. Neste sentido seu caminho híbrido revela uma abstração inventada pela figuração no sentido de que ela pinta e expõe os vazios entre as formas visíveis, e os reacomoda, propondo vida ao invés de uma confrontação contínua. Andrea Azzi procura e propõe o repouso da pintura, a pintura como ressignificação de sentido e vida e aqui ela encontra intimamente a percepção espacial de Mary Vieira, Lygia Clark e a tatilidade de “O Eu e o Tu”, na sua rara coragem de expressar que, para ela, “ser mulher nunca foi uma desvantagem e sim uma vantagem, na sua própria existência”.

E se por um lado Lygia Clark propõe ao homem as sensações femininas e as sensações femininas ao homem, Andrea Azzi revela uma realidade em que a forma-afetividade do espaço possui múltiplas variáveis que ultrapassam a binariedade do conflito de gêneros, abraça a geração atual no sentido trans e universaliza a pintura como expressão do afeto que existe em espaços não percebidos e lugares não habitados da emoção humana sem um lugar em que a paisagem possa descansar das suas figurações humanas.

Quinto passo da tradição mineira na Suíça, situada entre o grupo Casa 7 e artistas mais jovens como Tatiana Blass e Flavia Bertinato, Andrea Azzi significa, em Berna, o caminho híbrido da arte brasileira, entre a Orla de Copacabana e os rios de Berna, potencializando as cores indecifráveis do entre-mundos, tirando o foco dos dos confrontos binários entre gêneros e a arte pós-conceitual que lutava nas décadas anteriores contra as instituições da arte e o fim da pintura.

Não se trata de não perceber ou de alienar-se as questões do mundo as quais Andréa é extremamente consciente mas de propor a arte um lugar de novas percepções e renascimentos do significado das relações humanas com o espaço e a realidade relacional de todos nós enquanto sujeitos que ainda podem ser livres apenas da falsa ideia de liberdade que a globalização trouxe através da globalização e reafirma hoje através das redes digitais.

A arte de Andrea Azzi nos evoca para o mundo, a ter atenção ao que não estamos vendo e não a aquilo que é visível e reafirmado em perfis de rede social, que supera a era do retrato, dos quinze minutos de fama e do repisar do discurso ideológico contínuo, que muito mais

aprisiona do que liberta a todos nós. E é neste sentido que a arte abstrata, na obra de Andrea Azzi pode ser considerada uma invenção figurativa da imprecisa e vital expressão libertária e abstrata que é abstrair o nosso modo de ver, por dentro da nossa abrangência interior, ao invés de reafirmar a refiguração contínua dos nossos saberes no hiperrealismo das redes sociais que prometiam libertar a humanidade mas nos confinam em repetições de retratos fotografados e falados por falas nem sempre originadas em nós mas permeadas por discursos midiáticos repetido e aceitos sem reflexão, idealizados e ideológicos, prisões de palimpsestos de espelhos que não conseguem alcançar o vazio libertador que a sua pintura retrata, revelando raros e imensos vazios e frestas de realidade e afeto que ela percebe e exprime no seu deslocamento entre mundos e cuja lógica é encontrar e revelar novos caminhos para a liberdade dimensão humana passando por frestas e campos largos, como vemos em sua nova mostra Intertwined Horizon sob a curadoria de Vivienne Heinzelmann.

Saulo di Tarso | artista visual, curador, radicado na Itália. Maio de 2023.